

ERUDIÇÃO, MEMÓRIA E GÊNIO
EM PADRE ANTÓNIO VIEIRA
*(Um contributo para a controversa questão da erudição
vieiriana)*

ANA PAULA BANZA
(Universidade de Évora)

As grandes figuras, é bem sabido, nunca são consensuais; seja qual for o domínio em que se distinguem, mas particularmente quando a sua vida e obra são marcadas pela intervenção política e social. Movidas por paixões, é também de forma apaixonada, para o bem e para o mal, que são julgadas por contemporâneos e vindouros.

O Padre António Vieira é indiscutivelmente uma destas figuras; amado por uns, odiado por outros, não deixou, porém, ninguém indiferente.

Na vida, foi polémico. De temperamento “colérico fogoso”¹, assumia com frequência atitudes que, até pela falta de humildade, esperável de um jesuíta, chocavam a Corte, e mesmo os seus irmãos de fé². No entanto, foram as suas posições políticas que, de forma mais veemente, despertaram contra ele os ódios dos seus contemporâneos. Os fracassos diplomáticos, os projectos de política internacional controversos, excessivamente ousados ou meramente fantasiosos, mas sobretudo a assunção de posições dissonantes em relação às opiniões dominantes na época, em questões tão sensíveis como a situação dos índios, ou a dos judeus e cristãos-novos, acabaram por acirrar contra ele muitos ódios e más-vontades que, morto D. João IV, o Rei seu protector, em 1656, ensombrariam o resto da sua longa vida. Por último, mas não de menor importância, porque